

COLÔNIA RIOGRANDENSE: TERRITÓRIO DE LUTAS NA CONSTRUÇÃO DE UM SONHO: CULTURA, TRABALHO E MEMÓRIA (1922-2003)*

Lídia Baumgarten Braun**

Introdução

No inverno de 1994, o frio foi muito forte na região oeste do estado de São Paulo, onde se localiza a Colônia Riograndense. Ocorreram geadas que destruíram grande parte das plantações de milho lá existentes. Tal fato trouxe algo muito desagradável para a Colônia: a falência de sua Cooperativa.

O interesse em desenvolver esta pesquisa surgiu em função desse acontecimento marcante para vida das pessoas que vivem nessa região. A Cooperativa, denominada “Cooperativa Agrícola Mista da Colônia Riograndense”, foi fundada em 1939 e teve uma longa trajetória na região, acompanhando o crescimento dessa Colônia. O fato deixou a todos perplexos, pois já se ouvia dizer que as coisas não andavam bem, mas ninguém acreditava que isso poderia acontecer. Os dirigentes da Cooperativa se defendiam, mas o que se sabia é que, nessa época, eles já haviam vendido antecipadamente muitas mil sacas da produção que ainda estaria por vir.

O lugar que eu conhecia desde pequena parecia-me nesse momento estranho. A partir daí comecei a perceber como as coisas haviam mudado na Colônia. O espaço físico da Colônia que representa o espaço no qual homens, mulheres e crianças se relacionam, trabalham e convivem, parecia ter perdido sua maior força: a liderança da Cooperativa. A princípio, passei a refletir sobre como a perda da Cooperativa teria influenciado negativamente a comunidade e como vários recursos vivenciados no dia-a-dia através da Cooperativa foram expropriados do cotidiano das pessoas que ali vivem desde muito tempo. Perguntas que eu mesma me fazia e para as quais não conseguia encontrar respostas. O que se passava na mente e no coração das pessoas, especialmente dos mais velhos, imigrantes e migrantes que transformaram a Colônia em sua morada e que ajudaram a construir a Cooperativa, passando a viver um momento histórico totalmente novo em suas vidas.

Cabia investigar, portanto, o que manteve esses grupos de imigrantes na Colônia Riograndense? Quais os pontos de identidade entre eles – a lembrança de uma terra, hábitos, religião e tradições comuns? O que restou ou o que sobreviveu na memória dos que permaneceram na Colônia e viveram intensamente as transformações histórico-culturais dessa região? Quais as razões para continuarem enraizados, o que preservam? Cultivam ainda raízes culturais comuns? Qual o sentimento que predomina atualmente: desestímulo, desencanto, perseverança, anseios, esperanças?

Como experimentaram as transformações sofridas no campo, em que proporções sofreram ou sofrem essas transformações? Por que insistem em manter a pequena propriedade? Como usam, vêem e pensam a Colônia, seus direitos e lugar que ocupam? Qual a contribuição e o papel do imigrante nessa região? Como experimentaram e qual o impacto da perda da Cooperativa em suas vidas, suas experiências em associação? Como se reorganizaram e qual o significado da perda também de um espaço de sociabilidade e lugar de encontros?

Na perspectiva de apreender um pouco do que foi o modo de vida dessas pessoas, a pesquisa desenvolveu um estudo em torno da memória de descendentes de imigrantes, em sua maioria de origem alemã, que, reunidos em uma comunidade – a Colônia Riograndense –, construíram e fortaleceram laços, muitos dos quais perduram até hoje. Como milhares de imigrantes que chegaram ao Brasil, muitos para trabalharem nas fazendas de café, os que ocuparam o espaço onde construíram a Colônia Riograndense a partir de 1922 também tinham o sonho de melhorar de vida e alcançar um sonho ainda maior: o de adquirir o seu pedaço de terra.

A Colônia Riograndense está situada no município de Maracáí, no sudoeste do estado de São Paulo, muito próximo à divisa com o estado do Paraná. Fica a cerca de 500 km de distância da capital e a uns 50 km da cidade de Assis. Essa Colônia teve origem a partir de 1922, com a iniciativa de um “gaúcho”, Michel Lamb, em adquirir terras na então chamada “Fazenda Capivara”. Michel Lamb nasceu em São Sebastião do Caí, RS, em 21 de novembro de 1879, e se instalou na Colônia Riograndense, em agosto de 1922, em companhia da esposa, dez filhos e dois irmãos. As famílias que se dirigiram para a Colônia Riograndense foram em busca de terra, trabalho e liberdade e essa região oferecia aos imigrantes elementos necessários para a aquisição de terras: boas condições climáticas, de solo, localização, boas condições de negociar a compra das terras e outros mais.

A colonização dessa região foi espontânea e não teve a iniciativa e participação do estado em colonizá-la, como foi muito comum nas fazendas de café do estado de São Paulo através do sistema de parceria ou trabalho assalariado, bem como em vários estados do país. Da área total da Fazenda Capivara, com 8.206 hectares, cerca de 2000 ha foram

divididos em lotes e colocados à venda por iniciativa do sobrinho do dono da Fazenda, Cupertino de Castro, e pela Companhia de Loteamento dos sócios Otto Isernhagem e Júlio Malves.³

Michel Lamb, o pioneiro, adquiriu sua propriedade na Água do Macaco, núcleo central da Colônia Riograndense. A partir daí, começaram a chegar à região novos grupos de imigrantes de várias nacionalidades como alemães, russos, poloneses, austríacos, suíços e migrantes de origem germânica já radicados em vários estados brasileiros, como Espírito Santo, Santa Catarina, Minas Gerais e, especialmente, do Rio Grande do Sul. Daí a razão do nome Colônia Riograndense. Em fins de 1929, Michel Lamb comprou outra área de terras na mesma região, a Fazenda Elízio Galvão, na Água da Estiva, com o propósito de loteá-la e colocá-la à venda. Para lá se dirigiram muitas famílias de origem alemã, algumas com laços de parentesco.

Os colonos recém-chegados tiveram que trabalhar muito para deixar as terras apropriadas para o seu cultivo. As primeiras plantações cultivadas foram: mandioca, milho e feijão, com exploração feita diretamente pelo proprietário e sua família, voltadas apenas para o seu consumo. Em seguida, os colonos passaram a plantar alfafa visando à comercialização. A alfafa foi um cultivo bastante rentável para a época e proporcionou um desenvolvimento considerável para a Colônia Riograndense, atingindo o seu auge na década de 1940.

Todas as fontes e relatos consultados evidenciam os problemas enfrentados pelos imigrantes já na sua viagem, devido à distância e à falta de transporte e de estradas. Os primeiros ranchos construídos foram feitos em regime de mutirão, já que o colono contava apenas com sua própria família e com a ajuda dos vizinhos. As características dos primeiros anos de colonização foram: o auxílio mútuo diante das grandes dificuldades e as doenças que atormentavam os agricultores.

Para auxiliar na compreensão desta pesquisa, buscou-se analisar a formação da Colônia a partir de 1922 até os anos 40/50 quando chegaram as últimas levas de imigrantes e migrantes à região, bem como o caminho percorrido por essa comunidade até os dias de hoje.

Tradições, costumes e referências culturais os unem, mas não de maneira homogênea e tranqüila. Vivendo uma experiência comum, imigrantes e migrantes construíram e fortaleceram laços em comum na vida cotidiana, nas estratégias de sobrevivência compartilhadas. Nelas, cada um preserva e cultiva tradições e costumes, ao mesmo tempo em que os recria em seu dia-a-dia. Afinal, essa população, aparentemente homogênea, tem uma história marcada por laços comuns e também uma história marcada por muitas diferenças, conflitos, tensões e uma multiplicidade de histórias específicas.

A pesquisa desenvolveu-se utilizando diferentes conjuntos de fontes e materiais. Dentre eles, podemos destacar os depoimentos orais e as fontes escritas e iconográficas, especialmente a documentação que se encontra em mãos de particulares. Trata-se de um conjunto documental variado e rico sobre o cotidiano na colônia, as tradições culturais, dificuldades enfrentadas, etc.

Um dos objetivos centrais desta pesquisa foi proporcionar aos meus entrevistados que eles se reconheçam nela, ou seja, permitir que reconheçam a experiência vivida por eles. No entanto, houve alguns obstáculos enfrentados ao longo dos diálogos com meus entrevistados. O que pude perceber é que nem sempre eles assumiram uma postura que lhes permitisse romper barreiras e mergulhar num discurso privado. Havia uma preocupação muito intensa em não abandonar a “história oficial” da Colônia Riograndense e um compromisso em “contar a verdade”, evitando assim contrariar qualquer versão já formalizada.

Foram freqüentes os momentos em que a maneira de narrar reforçou a “memória oficial”, dificultando assim ultrapassar os limites e passar de um discurso público para um discurso mais privado, onde as tensões aparecem. Adentrar nesse circuito mais privado em que eles pudessem ser autênticos nas opiniões e deixar aflorar uma consciência privada das dificuldades vividas, que nem sempre foram explicitadas nas conversas, mas que era importante que fosse explicitado, foram os limites que se procurou enfrentar durante a trajetória da pesquisa.

Dessa forma, o trabalho com as narrativas significou não apenas receber as informações, mas sim um processo ativo de trabalho da narrativa que é o trabalho da consciência e da memória deles. De semelhante modo, pondera-se que o diálogo com os meus entrevistados foi sendo construído durante o decorrer da pesquisa, na qual, tanto eles como eu mesma fomos crescendo, florescendo junto com a pesquisa.

O cotidiano na Colônia

Em relação às condições precárias de um povoado que apenas tomava forma, uma das necessidades era abrir caminhos para que se pudesse chegar ao seu destino. Alguns se lembram da ajuda recebida do Senhor Cupertino de Castro para abrir as “picadas”,⁴ que já morava na fazenda Capivara. Muitas pessoas chegavam à Colônia sem mesmo terem comprado o seu pedaço de terra. Ao ficarem sabendo que havia terras férteis, logo resolviam mudar-se, sem muita bagagem, rumo à “terra prometida”. Outros faziam uma primeira visita para conhecer a região e depois retornavam com a família. As terras eram negociadas entre os responsáveis pela venda e o futuro comprador. Muitos já negociavam as terras na própria região onde moravam. Outros vinham de “mala e cuia” e fechavam o negócio ali mesmo.

Quando o negócio estava fechado, tinham que abrir a “picada” até aonde iriam construir um rancho para morar. Hans Mayer veio da Alemanha em 1929, com dez anos de idade. Ele conta que:

Aí tivemos que começar abrir um caminho, uma “picada” no meio do mato e daí construir um pequeno galpão – um rancho – pra morar. [...] Aí plantamos milho, feijão, mandioca, principalmente mandioca e mais tarde alfafa. [...] Ensinamos os bois a trabalhar na terra. (Entrevista com Hans Mayer realizada em 11/05/02)

Nessa época, já havia estação ferroviária em Cardoso de Almeida. O restante do percurso até a Colônia Riograndense, aproximadamente uns 35 km, tinha que ser feito a pé ou em carro de bois, carregando sua bagagem, durante muitas horas, pelas “picadas”, em meio à capoeira e à mata virgem, até finalmente chegarem ao seu destino. Dóris, em seu diário, registrou os momentos difíceis da chegada:

05 de janeiro de 1924

Primeiro tivemos que caminhar a pé uns 5 km e ainda por cima num terreno argiloso. Isto não dava nenhum prazer e ainda havia o intenso calor. Em seguida, veio o carro dos bois atrelado com oito bois. Então colocou-se ali a bagagem de mão, as mulheres e as crianças menores. A viagem iniciou-se. Passamos por vales profundos e montanhas altas. E o querido sol dos trópicos queimou sobre nós até às 3 h da tarde, quando paramos em um pequeno vilarejo para tomar café e descansar um pouco. Aí alguns já estavam atirados no chão sem poder continuar a caminhada. O carro de bois também não podia continuar além daquele ponto. (Diário de viagem – Dóris Renk, escrito entre dezembro de 1923 a julho de 1925)

Os ranchos e as primeiras casas de madeira, bem como as criações de animais e todos os pertences dos colonos aglomeravam-se mais perto possível dos rios. Isso facilitou não só o uso doméstico, mas também em relação ao trabalho com a criação de animais. Depois de instalados, a primeira providência era cavar poços para retirar a água manualmente através de manivelas ou de moinhos.

Além de todo esforço realizado em relação à obtenção da água através dos poços, havia ainda a questão de que, em muitos lugares, a possibilidade de obter água era mínima, justamente por serem terrenos onde havia muitas pedras, dificultando a escavação. Às vezes eram feitas longas escavações, sem obter resultados positivos. Esse foi o caso do Seu Hans. Ele me contou que foram feitas várias tentativas, em lugares diferentes, em sua propriedade, até que em uma delas deu certo.

Mesmo que os colonos já procurassem se estabelecer próximos aos rios, essa era uma situação que não poderia durar por muito tempo. Pois, mesmo que o rio ficasse próximo, o esforço em buscar água, diariamente, várias vezes ao dia, geralmente enfrentando grandes subidas no trajeto até o rio, tornava as coisas mais difíceis. Para eles, a água foi algo

conquistado com muito esforço. Para obter água para cozinhar os alimentos, para beber e para os demais trabalhos domésticos, tinham que colocar baldes atrelados aos bois ou subir longos trechos de morro com os baldes nas próprias mãos. A roupa era lavada nos próprios rios, em cima de uma tábua.

Muitas das lembranças expressam as dificuldades enfrentadas com a água, como conta Seu Hans Mayer: “*O maior problema aqui em nossa terra foi a água*”. (Entrevista feita com Hans Mayer em 11/5/02).

Dona Herta contou-me sobre as estratégias de sobrevivência que a avó teve que realizar ao chegar à Colônia, enfrentando a dura realidade com a falta de água. Ela me disse que a avó cavava um pequeno buraco em um lugar mais úmido, antes de anoitecer, onde seria possível encontrar um pouco de água. Ao amanhecer, a avó se dirigia até onde havia cavado o buraco e com uma pequena caneca, fazendo movimentos leves, conseguia a água para fazer o café, como ela mesma conta:

Eu lembro, a minha avó que veio junto com a mudança do Rio Grande, a mãe da minha mãe, ela de noite, de tardezinha ia no mato onde achava um lugar mais úmido, uma baixadinha, abria um buraco e no outro dia cedo, de noite juntava um pouco de água e de manhã ia com uma canequinha, bem de leve tirar água pra fazê café. (Entrevista feita com Herta Weissheimer em 14/1/03)

Entre risos e gargalhadas, Dona Herta relembra hoje os momentos difíceis vividos por ela ainda criança. Dona Herta nasceu e cresceu na Colônia vendo e aprendendo com a família a valorizar cada vitória conquistada durante sua vida. Morando atualmente em Assis, numa casa confortável, com todas as comodidades que a modernidade oferece, está longe daquela realidade vivida naqueles tempos. Tempos que somente voltam a ter vida através de suas lembranças.

Ao entrarem na mata para devastá-la e após iniciarem a construção dos ranchos, os colonos contavam uns com os outros. Os vizinhos, os parentes e amigos trabalhavam em conjunto para construir um lugar no qual pudessem se abrigar. A solidariedade acompanhou as famílias dos colonos em vários momentos da vida cotidiana.

Dóris deixou registrado em seu diário um pouco do que foi sua experiência vivida na Colônia e os momentos que tiveram que improvisar para manter a sobrevivência:

17 de janeiro de 1924.

Então fizemos a nossa mudança para a floresta virgem. Teremos que enfrentar todas as situações que esta vida oferece! É maravilhoso na floresta virgem. A gente precisa andar na trilha feita com o facão. Na mata não se pode dar nenhum passo livre. A mata é muito espessa e fechada. No alto das árvores gigantescas os macacos pulavam de uma árvore para outra. Não podíamos ficar observando, pois tínhamos que nos deter em derrubar a mata para construirmos um abrigo. Limpamos um lugar para fazer a “casa”.

Os homens derrubaram algumas palmeiras e os troncos cortados ao meio, serviam de paredes para a primeira “casa”. As folhas das palmeiras eram vergadas para servirem de telhado. Assoalho não havia. Era a própria terra. Para cozinhar enterramos dois cepos de madeira no chão com uma vara, onde o caldeirão de comida ficava dependurado. O pão era assado na cinza quente com brasas. Móvel não havia. A mesa era feita de quatro blocos de madeira enterrados no chão. Então colocava-se uma tampa do caixote da viagem do navio para servir de mesa.(.....) É um começo difícil, mas continuamos a enfrentar o desafio. (Diário de Viagem - Dóris Renk)

Acolher bem foi uma das características marcantes dos primeiros anos na Colônia. Quando os colonos chegavam, contavam apenas com a bondade dos vizinhos ou dos amigos que já haviam se instalado na região. Um costume trazido juntamente com a religião e que foi fundamental para as famílias sobreviverem e manterem o ideal da conquista dos seus sonhos. Manter a porta sempre aberta a vizinhos e amigos permitiu a construção de relações de sociabilidade entre as famílias. Quando a família de Dona Grete resolveu migrar de Minas Gerais para a Colônia, um amigo chamado Johann, que veio com eles para o Brasil e que havia ficado em Santos, recusando-se a ir para Minas, escreveu-lhes cartas dizendo que iria para a Colônia, incentivando-os a migrar também. Quando a família de Dona Grete chegou, o amigo já havia se instalado na Colônia e foi ele quem os levou para a casa da família Pichol para se alimentarem.

Dona Grete lembrou do momento da chegada, em que não sabiam ainda ao certo onde iriam ficar. Porém a ajuda recebida foi imprescindível:

Quem nos acolheu aqui foi o Pichol. [...] Mas antes de nós acamparmos, porque nós tínhamos passado o dia quase sem comer, aí ele falou vou levar vocês lá nos Pichol. Os Pichol, eles dão comida pra vocês. Isso é obrigação de um cristão dar comida. Assim o Pichol logo falou. (Entrevista com Grete Wrede em 19/7/02)

A troca de serviços, como auxiliar nos afazeres de casa, cuidar das crianças ou ainda colaborar em casos de doenças esteve presente na vida dos colonos recém-chegados. A memória de Dona Emmi trouxe lembranças que revelam a presença de um espírito de solidariedade entre as famílias, no qual um ajudava o outro como podia:

E até que nossas mandiocas estavam no ponto para a gente comer, a Grete ia ajudar a Frau Pichol, nossa vizinha, porque ela tinha doze anos, e a Frau Pichol tinha que trabalhar o dia inteiro na roça e tinha um menino pequeno que era o Herbert Pichol ..., ele era pequeno, ela ia lá nos Pichol, ia de manhã lá e já descascava mandioca, já adiantava o almoço para eles, até que a Frau Pichol vinha para casa e terminava o almoço. Depois de noite, ela dava banho no Herbert e tudo assim e vinha para casa e ela fez isto, eles nos davam mandioca para comer, até que ..., mandioca, às vezes ovos, já que não tinha ainda. (Ibid.)

Muitas fatalidades aconteceram com os colonos, geralmente quando faziam a derrubada da mata e a falta de assistência médica e de transportes dificultou mais ainda a vida na Colônia.

Dóris, em seu diário, deixou registrado o episódio em que o marido sofreu um acidente, vindo a falecer dias depois:

1 de julho de 1924

Aconteceu um acidente. Uma árvore, em sua queda, fraturou o pé esquerdo de nosso querido pai e esposo. (...) Uma enfermeira foi chamada e fez um curativo no ferimento. Nós tínhamos esperanças de que tudo ficaria bem. Um dia veio também um enfermeiro para ajudar. Um médico nós não podíamos arranjar. Não havia condições para isso. Três semanas depois deu erisipela na mesma perna que estava machucada. Isto a enfermeira tratava com álcool, porém nosso querido pai não conseguia mais comer. Aos poucos foi enfraquecendo. À noite, todos ficavam junto dele. Meu filho Gustavo, tocava lindas canções no trombone e ele cantava junto conosco. (...) O pessoal da Colônia queria levá-lo numa maca, porém ele não queria sair de perto da gente. Eram 35 km de caminhada! Os filhos faziam tudo o que podiam para ele. (Diário de Viagem - Dóris Renk)

Dóris deixou registrado em seu diário os momentos difíceis em que perdeu o marido e uma filha. Depois dos episódios tristes na vida de Dóris, ela resolveu voltar para Alemanha e juntar-se aos filhos que havia deixado lá, do primeiro casamento. Apesar dos sofrimentos, Dóris procurou manter-se firme na fé e revela em seu diário que esses momentos difíceis só foram suportados pela vivência da fé.

Os problemas enfrentados em relação às doenças talvez foram os piores. Muitos colonos morreram antes do término de sua ocupação. Em São José das Laranjeiras, havia um hospital, dirigido por freiras vindas da Alemanha, trazidas pela Igreja católica. A assistência médica baseava-se em tratar de pequenos ferimentos em geral e não funcionou por muito tempo. Os casos mais sérios necessitavam de maiores cuidados e eram levados para a cidade de Assis, quando era possível.

Havia, na região, pequenas farmácias, porém a falta de transporte, principalmente nos primeiros anos, tornou as coisas muito difíceis. Com o passar dos anos e com a vinda dos primeiros caminhões, os problemas foram se amenizando. Quem não tinha uma condução própria pedia a um vizinho ou amigo que levasse os doentes para receber assistência médica. Atualmente, em São José das Laranjeiras, há apenas um centro de saúde responsável pelos atendimentos de menor gravidade, com uma ambulância para atender os casos de urgência. Dona Emmi lembrou dos vários tipos de doenças que atormentavam os colonos:

Primeiro foi todas essas feridas que dava né, no povo aqui, e amarelão. Depois disso já estava mais aberto quando passou a malária, mas o tifo foi antes da nossa época... diz que esse cemitério velho tava cheio. E bicho berne que entrava na gente. (Entrevista com Emmi Bonkowski Marth em 19/7/02).

Sem assistência médica e falta de transportes, o jeito foi apelar para as estratégias de sobrevivências elaboradas pelos próprios colonos. Não foram poucos os colonos que fizeram papel de farmacêutico, aplicando injeções ou fazendo tratamentos com ervas medicinais. Os próprios produtos utilizados em tratamento com animais, como a creolina, por exemplo, acabavam sendo usados também para cuidar das pessoas. As crianças nasciam com a ajuda de parteiras. Somente mais tarde, com a melhoria das estradas e de transporte, é que os bebês passaram a nascer na cidade de Assis. O Sr. Gustavo recorda desses momentos, lembranças que vêm carregadas de críticas às novas situações, próprias de quem sentiu na pele essa realidade:

Antigamente qualquer um, olha quanta gente não deu a injeção na veia, que hoje é impedido isso daí. O Hans Mayer, o pai da Heike Müller, eles davam injeção de veia nos anos de 40, 50. Eles aprenderam porque que jeito você ia pra Assis, que jeito? 4, 5 horas pra Assis. (...) A maioria das crianças nascido com uma parteira e esse tipo de gente sempre existia aqui. Nos anos de 30, 40 mais crianças faleceram, que hoje é difícil. (Entrevista com Gustavo Reinecke em 27/7/02)

Para Seu Gustavo, o fato de hoje em dia haver “impedimento” de pessoas sem preparo aplicar injeções ou mesmo quando ele narra que era comum as crianças nascerem em casa, com a ajuda de uma parteira, está muito enraizado na sua vivência e nas suas próprias experiências, especialmente se considerarmos que, naquela época, aquelas alternativas e estratégias de sobrevivência que acumulavam saberes eram tão importantes quanto o saber do médico ou de qualquer pessoa especializada nas questões da saúde de hoje. Essas pessoas, numa atitude ativa de sujeitos, de produtores da sua própria existência, foram fazendo frente e produzindo seus próprios meios de sobrevivência. Dona Hilda conta como foi possível fugir da doença através das alternativas criadas pela mãe, alternativas variadas que, aos poucos, foram fazendo parte do seu dia-a-dia. Ela conta que:

Quem vinha mais com... que nem minha mãe sempre falava era nós, porque aquele tempo tinha tífos, morreram tanta gente e nós ainda tinha muitas jóia, muita ropa boa, então minha mãe sempre vendia aquilo pra comprá mantimento pra comê. Vendia as coisa pra pode comprá as coisa pra comê. Por isso, nós não ganhemo a doença, porque sempre comia bem. Os otros comia aquele resto do fubá que fica em cima da peneira e dava mais tifo de fome. (Entrevista com Hilda Völk em 24/4/03)

Na conversa que tive com Dona Herta, ela me contou que sua mãe – Dona Elza Lamb – deu a luz ao seu irmão Omar no quintal do rancho que haviam acabado de construir. Ainda não haviam colocado nem a cama para dentro do rancho e sua mãe teve que parir ali mesmo no quintal, sob a proteção de um guarda-chuva, pois, durante o parto, caiu uma chuva mansa. O nenê que havia nascido morreu um mês depois, em agosto de 1922, de desidratação. Dessa forma, as crianças nasciam com ajuda de uma parteira ou alguém da família, quando não dava tempo de buscar a parteira.

Alternativas com ervas medicinais foram frequentes. Esses costumes foram incorporados e utilizados pelos colonos buscando salvar vidas. Algumas dessas alternativas foram transmitidas por brasileiros que moravam nas redondezas, outras compartilhadas entre os próprios colonos que traziam certo conhecimento e aqui passavam a fazer novo uso em seu cotidiano. Ervas como a “língua de boi”, por exemplo, eram usadas para curar feridas. A babosa era utilizada tanto para curar enfermidades das pessoas como dos animais. Havia também árvores que eram usadas para curar a malária e contra o veneno de cobras.

Também era usado o chá de marcela, a folha de goiaba para curar a diarreia e a creolina que, além das suas várias funções, era utilizada no tratamento de dor de dente. Colocava-se um pouco de creolina em um pedaço de algodão e, em seguida em cima do dente. D. Herta me contou que o pai, Seu Gustavo Lamb, trouxe do Rio Grande do Sul remédio para febre, além do Bálsamo Alemão que era e é ainda utilizado para curar muitos males e também a oline para as doenças e males do estômago. Enfrentando as dificuldades do dia-a-dia, os colonos foram criando e recriando novas práticas, valores e significados.

O Sr. Gustavo relembra também da necessidade de procurar auxílio com curandeiros e benzedeiros que utilizavam ervas medicinais e sabiam conviver com a natureza, como estratégias na luta pela sobrevivência:

Ce vê, tinha mesmo gente com força, não era milagre assim não, ela tinha um remédio lá que, não sei de onde ela tinha, coisa natural, servia, não era bruxaria. Existia mesmo gente com ervas naturais, e que foram passado às vez dos índios, uma parte junto com a roça e assim um ou outro salvô. Desse jeito a gente vivia aqui. (Entrevista com Gustavo Reinecke em 27/7/02)

Dona Herta lembra como tentavam resolver os problemas em relação às doenças, como ela diz: “*Remedinho de casa era o médico*”. (Entrevista com Herta Weissheimer em 24/4/03) Lembra ainda dos obstáculos enfrentados com as doenças e a busca por alternativas que pudessem afastar o perigo nas situações de emergências:

Ervas e chás, essas coiseras todas. Tinha Maracaí, mas como é que ia pra Maracaí. Primeiro lugar era, tinha que pegar um cavalo e quantas horas se ia pra Maracaí, e se não tinha o dinheiro. (Entrevista com Grete Wrede em 19/7/02)

As estratégias de sobrevivências e as alternativas criadas pelos próprios sujeitos faziam parte daquele cotidiano e essa cultura foi sendo introduzida, criada ali por essas pessoas, às vezes improvisando, outras vezes aprendendo com outras pessoas, como práticas que acumulam saberes e produzem conhecimentos tão importantes quanto outros.

Esta pesquisa contribui para novas possibilidades de investigação sobre a Colônia. Aprender a Colônia não como um espaço de adaptação e assimilação por completo des-

sas pessoas, mas sim um espaço vivido e construído, no qual a cultura, a língua, a tradição são herdadas pelos mais jovens, porém, são uma criação ativa e estão em permanente transformação, sendo incorporadas e recriadas.

Nessa perspectiva, considera-se que os diferentes modos de vida dos sujeitos que fizeram parte do processo de constituição da Colônia foram e continuam sendo constantemente reconstruídos e reelaborados, através da memória nas lembranças do passado, no fazer-se do presente e nas projeções de futuro. Em meio à vida cotidiana, os sujeitos vão criando novas práticas e valores vivenciados num processo de transformação, em que a cultura, a tradição têm força e são continuamente resignificadas.

Recebido em Fevereiro/2008; aprovado em Maio/2008.

Notas

* Texto parcial que apresenta algumas reflexões desenvolvidas na pesquisa do mestrado realizado na PUC/SP, no período de 2001 a 2003, sob orientação da Profª Dra Yara Aun Khoury.

** Mestre em História Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Doutoranda da Unesp de Assis. E-mail: lidibraun@uol.com.br.

3 Otto Isernhagen era um alemão que viajou muito para Alemanha e diversas regiões do Brasil para fazer propagandas sobre a Colônia Riograndense. O sobrinho, Cupertino, responsável pelos negócios da fazenda, exerceu papel fundamental para o desenvolvimento da Colônia, especialmente nos primeiros anos de fundação.

4 “Picadas” eram as estradas abertas manualmente pelos colonos com facão e foice em meio à mata virgem onde só passavam pessoas a pé e a cavalo.